

A LINGUAGEM INCIPIENTE OU A FORMAÇÃO DA MENTE PRIMIGÊNIA
THE INCIPIATE LANGUAGE OF THE CONSTITUTION OF PRIMIGENIC MIND

Prof. Dr. Sergio Nunes I

Resumo: Procuramos explicitar a estrutura e a formação da mente primigênia no seu estágio primário, ainda na fase dos *bestiones* que compõem a idade dos deuses no seu nível mais básico, como mente adaptativa no meio ambiente e sua relação taxonômica com a natureza. Elucidar esta estrutura, tarefa esta, a que nos propomos tendo em vista os subsídios teóricos que proporcionariam a problematização de questões eminentemente atuais, como a formação de uma adaptabilidade ecológica dos vegetais na sua relação com o meio, bem como da inteligência artificial a partir de seu aparato elétrico-eletrônico pelo homem fabricado.

Palavras-chave: Mente primigênia. Bestiones. Linguagem. Engenho. Senso comum.

Abstract: The structure and formation of the primigenic mind in its primary stage will be explicitated, still in the “bestiones” phase which compound the gods age in its most basic level, as an adaptative mind in the environment and its taxonomic relation with nature. The proposal is to elucidate such structure, based on the theoretical subsidies that would proportionate the problematization of eminently current questions, such as the formation of an ecological adaptability of the plants in their relation with the environment, as well as of the artificial intelligence from its electric-eletronic apparatus manufactured by the man.

Keywords: Primigenic mind. “Bestiones”. Language. Engine. Common sense.

* * *

Traçar o modelo da mente primigênia em Giambattista Vico como radiografia, sem dúvida é um feito inusitado que requer boa dose de leitura e investigação e, mesmo assim, sem esgotar o assunto, mas tão somente enuncia-lo como viés de uma redoma pouco ainda pesquisada, que se torna para nós uma tarefa hercúlea e por vezes uma pretensão desmedida. Seu alcance não visa apenas descrever ou explicitar a estrutura subjacente à mente primigênia, mas, sobretudo, problematizar os diversos campos hoje debatidos pela Filosofia da Mente, bem como pela Filosofia Ecológica, na tentativa de contribuir para a elucidação das questões hoje tão presentes e pertinentes no mundo acadêmico, a formação de uma “mente básica” no seu nível mais primário presente tanto em organismos vegetais quanto em inteligências artificiais, poderá contribuir sobremaneira para um melhor entendimento dessa questão.

¹Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: ascn@ufpa.br

Giambattista Vico entre tantos outros pensadores investigou sobre esse tema com mais rigor científico e maior acuidade conceitual, para isso precisou lançar mão de um método que fosse capaz de lhe propiciar esta pesquisa. Ora, na sua época o *status quo* das academias predominava o cartesianismo, que em 1708, fora alvo de sua crítica no *De nostri temporis studiorum ratione* sobre a metodologia educacional da época.

Este fato marca decisivamente a viragem teórica empreendida por Vico para melhor entender o processo de apreensão do conhecimento acerca desse tema tão premente que o racionalismo cartesiano havia difundido.

Sua crítica sinaliza o começo de uma nova visão que pudesse dar conta da dinamicidade do agir humano e por fim comportasse variáveis que foram suprimidas pelo racionalismo desde Sócrates, atingindo em Descartes sua primazia.

Mas como seria possível a Vico decodificar estes entraves epistemológicos, sem cair ou decair em modelos teóricos em voga? Tanto que alguns comentadores mais apressados e superficiais classificam o pensamento viquiano de materialista ou empirista, ou ainda contraditório, como no caso de Benedetto Croce² (1947, p. 39, tradução nossa) que critica sua síntese entre filosofia e filologia:

[...] consiste verdadeiramente em uma obscuridade de ideias, na deficiente inteligência de certos nexos e na substituição com certos nexos falazes, no elemento arbitrário que por isto se introduz no pensamento, ou para dizer de um modo mais simples, na verdade são os próprios erros [...] Embora Vico não fosse muito perspicaz era sempre muito profundo.

Que profundidade é essa se suas ideias são obscuras, se há deficiência de certos nexos e, deveras, comete erros? Croce ao interpretar a *Scienza Nuova* não leva em consideração a ordem do *certum* que a compõe, nem o procedimento segundo a ordem geométrica, pois assim como o geômetra constrói as suas formas, o homem faz a história, tratando-se nos dois casos de objetos construídos pelo homem ao estabelecer os nexos funcionais e ao remetê-los com perspicaz engenhosidade para a linguagem e a história, como podemos observar na feitura da obra, tanto do ponto de vista formal, ao estabelecer as conexões entre os princípios e as doutrinas em vista de uma

² Croce apresenta certas contradições ao longo deste parágrafo. Embora realce a obscuridade das ideias de Vico, “agita o espírito do leitor e propaga a onda do pensamento quase por vibração simpatética”. “Simpatético” quer dizer “que concorda perfeitamente com o pensamento ou o caráter, a característica, a qualidade de uma pessoa ou de uma coisa”. Parece-nos que o leitor, segundo Croce, é completamente desavisado.

demonstração, quanto na sutil originalidade da correlação entre filosofia e filologia inovando um modo de pensar. Amério (1947, p. 274, tradução nossa) considera:

[...] que Croce teve a pretensão de descobrir o verdadeiro Vico, o grande Vico, o filósofo Vico! Quando o reduz a tal grau de incipiência de não saber aquilo que escreve, de não entender aquilo que diz, de acreditar em suma de raciocinar por Deus, embora raciocine pelo homem, e de ser católico embora fosse crociano.

Ora, a filosofia que Vico professa é aquela da ordem do *verum* que se converte em fato por sua conformidade entre a mente e a coisa, não se tratando, portanto, de uma contradição, mas sim do princípio sem o qual ele não poderia pensar coerentemente a história das nações, bem como não poderia traçar uma gênese da história que, conjugada à filologia da ordem do *certum*, permitiu desenvolver e desvendar determinadas hipóteses acerca da linguagem, da história e da ciência

Percebe-se que Croce não conseguiu interpretar o pensamento viquiano com fidelidade, considerando-o, por esse motivo, obscuro. No entanto, do ponto de vista estético-literário, exalta a genialidade viquiana. Assim, outros autores, como Berlin³ (2002, p.362/III, tradução nossa), consideraram seu estilo barroco, indisciplinado e confuso, mesmo assim “suas ideias são de uma novidade impressionante... um pensador fecundo”

No entanto, num ensaio posterior reconsidera sua posição, enaltecendo o pensamento viquiano pela sua originalidade e ousadia. Na sua época, Vico também foi considerado obscuro, não por conta da confusão alegada por Croce, nem pelo barroquismo alegado por Berlin, mas porque se deteve na Imaginação como eixo do conhecimento, faculdade que fora desprezada pelos cartesianos como fonte de erros e falácias.

Descartes introduziu um novo modo de fazer ciência com o seu método analítico, estabelecendo mais *rigor* na aquisição do conhecimento científico. Partindo da *dúvida metódica* mediante a intuição direta do espírito, a verdade do conhecimento dar-se-ia através de uma evidência imediata, havendo necessidade de decompor todas as questões em seus elementos últimos e mais simples, e de reconstruí-las a fim de serem comprováveis em sua evidência originária, simples e indubitável através de uma proposição apodítica que contivesse uma verdade crível por si mesma. A dúvida metódica põe em suspensão os juízos acerca da aparência do mundo sensível, da

³ Nesse ensaio IB discute a possibilidade que Vico apresenta mediante a imaginação de um retorno ao passado remoto/mítico.

essência, da existência, como também das próprias verdades matemáticas⁴. O desenvolvimento do método de duvidar se faz pelas cadeias dedutivas até atingir um núcleo *irreduzível*, o *Cogito ergo sum* (penso, logo existo), que se torna desse modo uma evidência primária, a idéia clara e distinta por *autonomia*⁵, cujo interesse maior foi fundamentar a ciência natural e estabelecer uma nova ordem de pensamento que superasse o modelo escolástico.

É justamente neste contato que a concepção viquiana emerge tendo como alvo a contradição cartesiana do *cogito ergo sum*, partindo-se de uma certeza chega-se a uma verdade, conforme expresso nesta sua máxima. Vico foi justamente aqui mais cartesiano que o próprio Descartes que se traiu displicentemente e, Vico percebeu com muita clareza a cilada que o próprio Descartes (1983, p. 36; 96) formulou. O *verum* e o *certum* confundem-se:

Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é **certo** [...] Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa. E que mais? Excitarei ainda minha **imaginação** para procurar saber se não sou algo mais. E mesmo esses termos fingir e imaginar advertem-me de meu erro; pois eu fingiria efetivamente se imaginasse ser alguma coisa, posto que imaginar nada mais é do que contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal [...] Haverá algo em tudo isso que não seja tão verdadeiro quanto é **certo** que sou e que existo...embora, com efeito, seja uma coisa bastante estranha que coisas que considero duvidosas e distantes sejam mais claras e mais facilmente conhecidas por mim do que aquelas que são **verdadeiras e certas** e que pertencem a minha própria natureza.

Vamos encontrar também no Discurso do Método acerca da diversidade de concepções filosóficas, a presunção de Descartes em considerar que entre essa multiplicidade de opiniões, haveria de ter uma verdadeira, pois que essa multiplicidade

⁴ Cf. Descartes, *Meditações*, [Cf. *Meditações Terceira, De Deus; que Ele existe*, §4, p. 100, J. Guinsburg, B.P. Júnior].

⁵ Observamos que Descartes lançou mão de um conceito puramente autônomo, que provém dos caracteres poéticos e o objetiva mediante a suspensão de juízo, tornando-o *res cogitans*. Há, nessa reconção, uma viragem fantástica de fecunda criação, no entanto, restrita e incipiente pela analiticidade geométrica que pretendeu absolutizar o conhecimento sem levar em consideração o princípio autônomo que deriva da ordem do *certum*, como se pode observar no *De antiquíssima* [*Libro Primo ossia Metafisico*, cap. III, p. 70-74, P. Cristofolini] e nas *Meditações* [*Meditação Segunda, Da natureza do espírito humano; e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo*, § 4, p. 91-92, J. Guinsburg, B.P. Júnior].

resultaria “quase como falso, tudo quanto era somente verossímil” (DESCARTES, 1983, p. 32), mesmo que sua afirmação seja dúbia. Enquanto Vico (1974, p. 34, tradução nossa) no *De Uno* estabelece claramente essa distinção, como podemos observar, demonstrando a contradição cartesiana:

Temos dois vocábulos: **verum** e **certum**⁶, dos quais distinguimos os diversos significados, assim como todos distinguem o falso do dúbio; por isso, tanto se afasta o falso do dúbio, quanto o certum do verum. Se estas duas coisas não fossem diversas e distintas, não conseguiríamos que muitas coisas verdadeiras mostrando-se talvez dúbias, seriam por sua vez dúbias e certas, assim como, muitíssimas coisas falsas pudessem se ter por certas, assim seriam simultaneamente falsas e verdadeiras. O verum nasce da conformidade da mente com a ordem da coisa, e o certum é produto da consciência assegurada pela dúvida. Apela-se à razão da conformação com a ordem da coisa; por isto, se é eterna a ordem da coisa, é eterna a razão da qual se apresenta a eterna verdade; se a ordem da coisa contemplada é de tal natureza que não subsiste em todo o tempo, em todo o lugar e por tudo, não haverá somente uma razão provável nas coisas que esperam pela ordem cognitiva, nem por uma razão verossímil naquela que realizemos uma operação. Assim como o verum é essência da razão, assim será elemento intrínseco do certum a autoridade, tanto aquela sugerida por nosso próprio sentido que chama-se auctoritas, quanto aquela imposta pelos outros, os quais denominaram autoridade, nascendo ambos da persuasão.

Para dar conta desta cilada, Vico haveria de ampliar o seu olhar, mudar seu enfoque e perceber a possibilidade de síntese entre pensamentos diversos e contrários. Nesta circunstância a filologia⁷ foi fundamental, pois sendo de natureza incerta e indeterminada, porquanto da ordem do *certum* procederia por verossimilhança na captação cognoscente daquilo que é possível ou provável, pois a própria filologia gera a história na investigação dos contextos cujos objetos são passíveis de datação, revelação cultural, comercial, social, artística e valorativa. Todos esses elementos sugerem na sua história revelações surpreendentes. Por esta senda podemos afirmar que Vico percebeu acuradamente a possibilidade de retomar o pensamento mítico que fora relegado pelo racionalismo porque necessariamente fantástico. Este elemento primitivíssimo da mente humana não poderia segundo Vico ter sido obra do acaso e sem nenhum sentido para a maturação da mente primigênia. Sem dúvida uma vasta sabedoria estava ali alojada que precisava ser desvendada com critério científico a fim de nos prover de material que explicitasse melhor a origem do homem e nos tornasse a sua compreensão possível. Foi

⁶ Em negrito pelo autor do artigo.

⁷ Vico, *Opere Giuridiche*, [Cf. Parte seconda, *La coerenza dela filologia*, cp. I, § 1, p. 386].

nesta perspectiva que Vico desbravou a mente primigênia e desafiou o racionalismo reducionista e castrador, ou seja, foi possível pensa-la.

Mas como pensa-la, a partir do fantástico? Esse foi um dos grandes problemas, já que a razão não dava conta dessa tarefa, afinal o diapasão do valor de verdade não teria como subtrair as imagens fantasmagóricas que os mitos apresentavam; as mensurações não eram suficientes para torna-los juízos demonstráveis. Só mesmo a filologia cuja natureza incerta poderia dar conta desse plano ambicioso que Vico havia já percebido.

Como exímio filólogo, ele renovou o método e lhe deu garantia epistêmica ao introduzir o método indutivo do Sr. De Verulan⁸ a fim de lhe dar a consistência necessária que a análise requeria.

A imaginação foi seu ponto de partida, pois sendo o primeiro elemento cognoscente deveria ser estudado e investigado na sua ampla dimensão, desde os mitos hesiódico e homérico aos dados resultantes das investigações científicas da época, bem como das obras latinas que forneciam vasto material para análise histórica. Compartilhando essas variáveis, Vico conseguiu mediante sua concepção *certumiana* divisar com maestria e genialidade, a fantasia como espaço de conhecimento peculiar à mente primigênia.

Simultaneamente à imaginação, a mente primigênia necessitava de certo esforço sensitivo que comportasse a sua sobrevivência, para isso haveria de adaptar-se ao meio, à natureza para sobreviver. Este seria o nível mais básico da mente primigênia, adaptar-se para sobreviver, a necessidade e/ou utilidade natural contingenciava o rumo, digamos, taxonômico dos primeiríssimos homens, os *bestiones*⁹.

Sonhavam, também e, de certo o sonho e a realidade confundiam-se, não havia ainda uma nítida distinção, o que proporcionou uma miscigenação, digamos assim, entre esses dois estados que mesclado de fantasmagoria induzi-os às robustas paixões embrionárias e a uma desmesurada fantasia que lhes causava estupor ante aos fenômenos naturais estupendos como a tempestade, o raio, o trovão, a noite, as enchentes, as feras etc...Conjugando todos esses fatores, a imaginação fertilíssima e agônica dos *bestiones* necessitava de contenção para que pudessem sobreviver num mundo tão adverso e estranhíssimo.

⁸ O Sr. De Verulan é Francis Bacon que no seu livro *Cogitata et visa* (1609) desenvolve o conceito de indução por verossimilhança.

⁹ Mantenho o termo italiano para bestas em português.

Desse modo a imaginação¹⁰ foi a condição de coligação com a realidade, o elemento que permitiu a difusão de um conhecimento instintivo num pensamento originariamente animal, primeiríssima contingência que permitiu ao primigênio relacionar sensitivamente o corpo, a natureza e a imaginação, esses três elementos suscitaram os primeiros sinais linguísticos da correlação entre membros do corpo e a natureza. Essa extensão permitiu a metaforização do mundo e confirmou a ação criativa como necessidade intrínseca de sobrevivência, numa dimensão transosmótica, digamos, da mente primigênia na sua relação com o meio, aonde o corpo, a sensibilidade, estendia-se às coisas numa indistinta relação humano-sígnica.

Em Vico temos uma lógica poética¹¹, isto é, uma lógica que não se baseia em vetores racionais, mas em vetores estritamente sensíveis que irrompe como meio de conhecimento sobre o mundo. E este conhecer não sendo racional, é um conhecer sensível que se transosmotiza e se transfigura por necessidade e/ou utilidade da ação humana nos primórdios.

A extensão, portanto, do corpo à natureza promoveu a transferência de significados sensíveis aos elementos naturais, de uma natureza a outra, de um elemento a outro, por isso do corpo emergiu a boca da noite, o olho da fonte, o pé da montanha, o braço do rio, nessa transosmotização fez-se o laço umbilical entre o homem primigênio e a natureza, numa relação de adaptabilidade enquanto condição necessária para a sua vivência.

Neste arranjo adaptativo a mente primigênia passou a recolher elementos assemelhados em função de uma taxonomia ingente, própria da sensibilidade porque instintiva e a formar e conjugar imagens ainda rudimentarmente fantásticas e divinizantes, numa escala latente e emergente de uma geração imperceptível que afluía silente num despertar amorfo desta mente lerda e estulta, primordial e incipiente. Assim foram lentamente ganhando contornos, agregando sinais e formando conjuntos imagéticos no transcurso social da vida em grupo. Para sobreviver sentiram a necessidade de viverem em bando sob o comando do mais forte, o mais feroz e o mais violento, andavam vagando pelas grutas e atacando, matando e comendo

¹⁰ Segundo Grassi, “[...] se pode dizer que a unidade das ações como sistema fechado consiste numa necessidade que torna possível a transferência de significados a fatores ambientais neutros e coloca em movimento a ação. A necessidade desaparece quando o significado se realiza. A fantasia é “o olho do engenheiro” porque cria metáforas originais através da transferência de significados”. *Leggere Vico*, [Cf., La priorità Del senso comune e dela fantasia in Vico, tp.5, *L’ambito di competenza Del senso comune: Il lavoro*, p. 136].

¹¹ Vico, *Ciência Nova*, [Cf., Segunda Sessão, Lógica Poética, Segundo Capítulo, *Corolários acerca dos tropos, monstros e transformações poéticas*, p. 239].

antropofagicamente, defendendo-se das feras, vivendo nefrários sem acasalamento a espreita de vítimas que saciasse seus desejos indômitos. Bestas feras, os *bestiones* pensavam animallescamente. Diz Vico (2005, p. 181; 212):

Mas esses primeiros homens, que foram depois os príncipes das nações gentias, deviam pensar sob fortes impulsos de violentíssimas paixões, que é a forma de pensar dos animais [...] e a natureza humana, enquanto é comum com a dos animais, traz consigo esta propriedade: que sejam os sentidos as únicas vias pelas quais ela conheça as coisas.

Como apreender esta forma rudimentaríssima da mente primigênia e como perceber o processo latente que emerge da ação destes *bestiones* para daí significar sensivelmente as coisas e assim poder se relacionar, mesmo que de forma incipiente como em bando arisco e errante sobre a terra? Este processo de surgimento da linguagem forneceu minimamente a condição para seu estado gregário, bem como a embrionária formação das primeiras tribos enquanto nação civil.

O processo de significação de acordo com os estudos sobre a neurociência como bem demonstra Henri Bergson, pois o significado seria obtido somente se uma sensação não fosse cancelada pela sucessão de outra, mas retida e, desse modo a mente primigênia foi capaz de produzir uma identidade através de um ponto de referência permanente propiciada pelas sensações através de imagens absorvidas pelo senso comum, sem juízo algum, puramente sensível, num processo de adaptabilidade, que encontra a sua consistência e, uma vez fixada, pode ser recordada e memorizada. Esse processo dar-se-ia na e pela fantasia “que outra coisa não é senão memória dilatada e composta” (VICO, 2005, p. 134); dilatada por sua imensurável manifestação entre o onírico e o real; composta, por sua agregação entre elementos fantásticos (imagens) colhidos e dispostos numa relação entre os membros do corpo e a natureza, isto é, numa intrínseca condição de adaptação com o meio ambiente.

Que relação essas imagens haveriam de ter na produção do modo de conhecer desses indivíduos carentes de um raciocínio abstrato? Bergson por exemplo, considera que o cérebro parece ser um instrumento de análise em relação ao movimento recolhido e um instrumento de seleção com relação ao movimento executado, cujo papel é apenas transmitir e repartir o movimento, levando-nos a intuir que a percepção enquanto função do sistema nervoso também seja direcionada para a ação no mundo físico. A ação possui certa duração e exige um esforço da memória que se prolonga umas nas outras numa complexidade de momentos, e aí residiria a representação que se prolongaria

mediante o ato e se perderia em outra coisa sucessiva. Esse processo facilita a adaptabilidade da mente primigênia mediante o senso comum e o engenho que separa e recolhe aquilo que é percebido. Os *bestiones* passaram a absorver e sentir a fantasia numa correlação visceral e instintiva das imagens que proviriam do corpo e da natureza. O espanto, o medo, os urros, a tempestade, a noite, o dia, a lua, a selva, os animais selvagens, os raios, os trovões e, porque não, os sonhos vertidos de robustas paixões, fizeram parte dessa realidade dinâmica e necessariamente primária.

Compartilhamos com Novalis que da imaginação produtora devem ser deduzidas todas as faculdades, todas as atividades do mundo interior e do mundo exterior que vem ao encontro da tese defendida por Vico, já que o psiquismo humano se constitui primitivamente em imagens, e por isso os primeiros homens foram poetas, porque mediante as suas atividades interativas entre si e a natureza representavam e criavam as imagens das coisas, num fluxo de ações com a gesticulação como sinal mudo, que se realizava através da linguagem corporal, isto é, das ações implementadas pelos *bestiones* em suas adversidades vividas, tal como *Ios* foi a primeira fixação da sensação em imagem advinda do tonante trovão que ribombava e ecoava sobre a terra. Assim o céu vem pensado como um corpo ativo em movimento, tal qual o seu corpo se movimentava, os seus braços e pernas se movimentavam, a sua língua se movimentava quando comiam, grunhiam, gritavam e assobiavam. A natureza seria a grande boca de *Ios* e a selva sua língua; habitavam dentro da boca de *Ios*, porque os sons que ecoavam, ecoavam como os sons de suas bocas; as tempestades, os raios, o vento, os terremotos, o fogo, as enchentes, moviam-se como seus membros se moviam e, nesta relação de equivalência da similitude entre o corpo e os fenômenos naturais transfere-se de si mesmo para a natureza numa só unidade como parte de um mesmo corpo, pois não conheciam a dualidade. Nessa identificação mútua, a linguagem emerge como metáfora, porque se dá numa mútua transposição que enlaça e unifica. Neste processo a terra e o mar foram vistos como Cibele e Netuno, as flores Flora e o fruto Pomona. Assim toda a natureza era composta de corpos que comunicaram aos homens primigênicos seus sinais naturais, desse modo, *Ios* comandava por acenos e a natureza seria a sua língua (VICO, 2005, p. 236).

Inferimos que esses homens viviam num mundo de palavras reais, num mundo animado pela ação impetuosa da natureza, cujo pensar era corpóreo, animalesco, porque emergia das sensações. A mente primigênia está imersa no corpo e dele não pode ser separada, portanto o pensamento primigênio era necessariamente um ato de sentir.

Assim os primeiros atos de significação começaram com os atos mudos das gesticulações. O mundo percebido através dos sentidos e desse modo, o mundo mover-se-ia por meio de corpos, e o significado que se daria por meio desta relação obtida pela ação e reação recíproca desses corpos resultaria em significar a coisa ao fazê-la, pois nesse caso a sensação não cancelaria outra, mas a fixaria, determinando o processo de memorização e o pensamento daquilo fixado e memorizado emergiria o pensamento como veículo de adaptação e representação poética e fantástica, propulsora da fábula, por uma inconsciente criatividade adaptativa, resultante da necessidade e/ou utilidade enquanto condição de criação e, nesse processo surge o significado visceral de sua vivência, expresso e transferido às coisas. Assim o mundo nasceria de sua consciência sensível ou senciente como parte integrante do seu mundo numa antropomorfização da natureza mediante o corpo, com o movimento realizado intra e entre-corpos numa expansão da emoção advinda do caos das paixões enquanto elemento conatural e necessário na formação do significado e na emergência dos nomes, o que vale dizer, de caráter eminentemente orgânico e rudimentar na formação da linguagem, por conseguinte na maturação da mente.

Delineia-se desse modo, a *ratio* humana como veículo de apreensão e formação da linguagem por meio da cognição. Entretanto, essa estrutura ainda não está desenvolvida na mente primigênia, por ser a significação no estágio primário um produto natural que emerge da sensibilidade em confronto com as adversidades e as contingências propulsoras para o surgimento da linguagem, cuja validade, justifica-se pelo princípio do *verum factum convertuntur* (faço porque conheço, conheço porque faço) que expõe as raízes emocionais, poéticas e míticas, sublinhando que a consciência sensível é sempre significativa na dupla acepção que este termo pode ter: tanto a emoção pode ter um valor ideal, uma verdade enquanto não é articulada, mediante um conceito por ex., quanto pode se articular se determinando num processo lógico-poético enquanto fábula que é a forma de uma realidade particular por imagem, pois os homens primigênicos, diga-se *bestiones*, não possuíam a capacidade de dar ordens ou de conceber a realidade perceptível do mundo humano ou da natureza com a ajuda de uma singular propriedade que fosse abstrata, pois desconheciam um mundo de objetos e indivíduos distintos, mas ao contrário, intrinsecamente orgânicos e indistintos submergiam num mundo de forças fantásticas e robustíssimas paixões. Com a expansão do mito, a maturação da mente primigênia alcança novas formas e novos meios de adaptação na formação das nações civis, portanto na constituição de modelos organizacionais mais

complexos a partir do *pater família*, implicando a estrutura mítica na abertura da consciência à comunicação e fundamento do convívio humano.

O significado concreto da coisa em si revela-se necessariamente real, porque exprime o real conviver entre os homens pela comum criatividade de suas mentes. A força da natureza seria personificada e desse mesmo modo o nome seria o translato da atividade do espírito enquanto expressão senciente provindo de uma visceralidade primordial reportando-se ao fato, que ocorre no momento da criação, exprimindo-se numa ideia substancialmente primária, emergida das entranhas vivenciais numa inusitada reação sensitiva. Este “nome” não seria apenas um rótulo para identificar, mas, mais do que isto, seria a própria coisa inanimada vivificando-se numa translação do próprio corpo vivificado, numa correlação sem pausa, necessariamente umbilical. Linguagem natural e real, cuja espontaneidade primordial resultante do modo de ser dos homens primigênicos que pouco a pouco foi tornando-se regra, convenção, pela uniformidade que os significados foram tomando em relação as suas respectivas referências em torno das quais memorizavam pela repetição e fixação dos atos enquanto uso comum.

A criatividade mitológica ou fantástica, só poder ser considerada nos limites que Vico claramente distingue nas três línguas: a divina, a heroica e a humana, que não devem ser entendidas numa sucessão do tempo, mas numa coexistência, numa simultânea variedade. Segundo Vico (2005, p. 282-283): “a língua dos deuses é quase toda muda; a dos heróis, muda e articulada e a dos homens articulada e pouquíssimo muda”, como podemos observar no transcurso da história, num *corsi e ricorsi*, numa ida e vinda constante. O que outrora fora passado ainda hoje se realiza na história através de tribos isoladas e primigênicas que habitam a Guiné e o Brasil.

Traçamos assim brevemente a estrutura da mente primigênia na sua formação como elemento primaríssimo e básico de adaptação ao meio e maturação cognitiva para atingir na sua completude mediante a Imaginação, a *vis veri* ou *vis ratione*. Entendendo-se a partir daí que a racionalidade enquanto faculdade emergente não pode se por em condição superior ou insubstituível do modo de conhecer fantástico ou poético, mas como elemento peculiar à maturação cognitiva da mente na sua condição necessariamente humana.

Referências

AMERIO, F. *Introduzione allo studio di G.B.Vico*. S.E.I: Torino, 1947.

- BERGSON, H. *Matéria e Memória*. Martins Fontes: São Paulo, 1990.
- BERLIN, I. *O divórcio entre as ciências e as humanidades*: Estudos sobre a humanidade. Editora Schwarcz: São Paulo, 2002.
- CACCIATORE, G.; GESSA-KUROTCHKA, V; POSER, H; SANNA, M. *La filosofia Pratica tra Metafisica e Antropologia nell'età di Wolff e Vico*. Alfredo Guida Editore: Napoli, 2003.
- CROCE, B. *La filosofia di Giambattista Vico*. Bari: Itália, 1947.
- DESCARTES, R. *Meditações*. Ed. Victor Civita: São Paulo, 1983.
- GRACIÁN, B. Agudeza y arte de ingenio, In: B. Gracián. *Obras Completas*. Aguilar: Madrid, 1967.
- NUNES, S. *A arqueologia da linguagem em Vico*. USP, 2009. (Tese de Doutorado)
- PATELLA, G. *Il corpo si disse in molti modi*: La sapienza corporea di G. Vico. Laboratorio dell'ISPF, 2005.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1977.
- PIRO, F. *Sull antropologia dei rudes prima di Vico*: Immaginazione, credulità, passionalità. Laboratorio dell'ISPF, 2005.
- SANNA, M. *Nature discordi e corpi fantastici*. Laboratorio dell'ISPF, Visconti, 2005.
- SEVILLA, J. M. La língua com cui parla la historia ideal eterna: El decir de la historia: razón narrativa-historica (una perspectiva Orteguiana de Vico). *Cuadernos sobre Vico*, 15-16, 2003.
- TODOROV, T. *Teorias do símbolo*. Edições 70: Lisboa, 1977.
- TRABANT, J. *Grido, Canto, Voci*, Laboratorio dell'ISPF: Visconti, 2005.
- VERENE, D. P. *La Scienza de la fantasia*, a cura di Franco Voltaggio. Prefazione di Vittorio Mathieu, Armando Armando. Roma, 1990.
- VICO, G. *A Ciência Nova*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.
- _____. *La Scienza Nuova*. Introduzione e note di Paolo Rossi. RCS libri: Milano, 2004.
- _____. *De nostri temporis studiorum ratione*, Opere Filosofiche, introduzione di Nicola Badaloni, testi, versioni e note a cura di Paolo Cristofolini. Sansoni Editore: Firenze, 1971.
- _____. *Opere Giuridiche, De Constantia philologie*. Sansoni Editore: Firenze, 1971.